



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

LICENCIATURA EM MÚSICA

Guilherme de Oliveira Cezario

ESTRATÉGIAS DE PERCEPÇÃO EM BUSCA DA AUTONOMIA MUSICAL:

UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO

Brasília - DF

2018

Brasília- DF
2018

Guilherme de Oliveira Cezario

**ESTRATÉGIAS DE PERCEPÇÃO EM BUSCA DA AUTONOMIA MUSICAL:
UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO**

**Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de
Licenciado em Música submetida a Universidade de Brasília, curso
de Licenciatura em Música – Diurno**

Orientador(a): Flávia Motoyama Narita

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ce Cezario, Guilherme de Oliveira
Estratégias de percepção em busca da autonomia musical:
Uma proposta de material didático / Guilherme de Oliveira
Cezario; orientador Flávia Motoyama Narita. -- Brasília,
2018.
51 p.

Monografia (Graduação - Música - Licenciatura - Diurno) -
Universidade de Brasília, 2018.

1. Aulas de violão. I. Motoyama Narita, Flávia, orient.
II. Título.



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

Guilherme de Oliveira Cezario

“Estratégias de percepção em busca da autonomia musical: uma proposta de material didático”

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música, sob a orientação do Professor(a) Flávia Motoyama Narita, segundo o Ato 40/2018 do dia 4 de julho de 2018, que nomeou banca de avaliação.

Brasília, 4 de julho de 2018.

Flávia Motoyama Narita

Paulo Roberto Affonso Marins

Uliana Dias Ferlim

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 OBJETIVO.....	9
1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	9
2. PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM MUSICAL INFORMAL.....	10
3. PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	13
3.1 PREPARAÇÃO, CRIAÇÃO DO MATERIAL.....	13
4. IMPLEMENTAÇÃO, ANÁLISE E REFLEXÃO DA PROPOSTA.....	17
5. REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
APÊNDICE A – Esquema do planejamento.....	30
APÊNDICE B – Termos de consentimento.....	31
APÊNDICE C – Transcrição de aulas de Francisco.....	33
APÊNDICE D – Transcrição de aulas de Bruno.....	43

Esse Trabalho de Conclusão de Curso aborda uma proposta pedagógica prática e criação de material didático conjunto no contexto de aulas particulares de violão, mais especificamente focalizando estratégias de percepção e busca de autonomia musical. Para tanto, foram ministradas duas aulas, planejadas de acordo com alguns princípios do trabalho de Lucy Green sobre aprendizagem musical informal, para alunos particulares de instrumento que apresentam o interesse na área. O registro se deu em forma de gravações de áudio das aulas e posterior análise. O objetivo é entender como o professor poderia auxiliar o aluno nesse processo e que tipo de materiais didáticos podem ser gerados com essa experiência.

Palavras-chave: Aulas particulares, aulas de violão, criação de material didático, aprendizagem musical formal e informal.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda uma proposta pedagógica com criação de material didático para aulas particulares de violão; mais especificamente focalizando estratégias de percepção e autonomia musical. Esse tema surgiu a partir de alguns questionamentos e reflexões acerca do meu processo pessoal no desenvolvimento dessas habilidades, e a relação entre ensino formal e informal que experimentei ao longo desse processo, como músico e docente.

Minha trajetória musical iniciou-se aos 12 anos, quando encontrei um antigo violão do meu pai. O instrumento estava com somente duas cordas, mas foi o suficiente para meu pai me mostrar algumas batidas que havia aprendido durante sua adolescência. O violão estava guardado em cima de um guarda-roupa durante anos, e logo comecei a passar horas a fio experimentando sons livremente a partir desse primeiro modelo musical familiar. Algum tempo depois, ao perceber meu interesse, meu pai me deu um novo instrumento e comecei a ter aulas particulares com um professor indicado por uma pessoa próxima da família. Mais tarde fiquei ciente de que aquele aprendizado e experiência com meu pai era informal. Futuramente entraria, cada vez mais, em contato com o ensino formal de música, mas mantive o hábito de improvisar livremente e aprender músicas, não só com esse professor, mas de ouvido, com playalongs, amigos, revistas e vídeos, dessa forma, a aprendizagem musical informal se manteve presente ao longo dos anos.

Com o passar dos anos, continuei a estudar música diariamente. No final da adolescência, passei a estudar guitarra e compor minhas próprias músicas. No início, as músicas se davam somente por meio de improvisos guitarrísticos gravados com auxílio do computador. Posteriormente, almejando criar uma banda de rock, passei a usar o software “Guitar Pro” para organizar os materiais. O software baseia-se na escrita e execução de tablaturas e partituras, simulando diferentes instrumentos como: guitarra, baixo, teclado e bateria.

A experiência que tive com o “Guitar Pro” mudou, significativamente, a forma com que eu pensava música. Ao invés de imaginar somente linhas de guitarra, passei a idealizar arranjos com banda inteira, ao criar linhas de instrumentos que nem tocava, como bateria e teclado. Nesse momento, percebi a potencialidade do uso da tecnologia como auxílio do desenvolvimento da musicalidade.

Surgiu também o interesse por pedais e efeitos de guitarra e, paralelamente a tudo isso, iniciei minhas primeiras participações apresentações com bandas. Nesse momento, tinha aulas particulares de guitarra na Bsb Musical e estava imerso em práticas informais de aprendizagem musical com amigos, como jams, rodas de violão e ensaios em casa ou estúdio.

No final do ensino médio decidi que seria músico e que deveria prestar vestibular para o curso de Licenciatura em música na Universidade de Brasília (UnB). Ao me deparar com o conteúdo da prova específica, busquei um professor particular de teoria, solfejo e história da música. Considero esse um marco importante para o aprofundamento do meu aprendizado formal de música, foi quando ampliei meus horizontes para além dos instrumentos.

Nesse novo contexto, passei a desenvolver uma crítica em relação ao meu processo de aprendizado demasiadamente dependente das tecnologias. A experiência com as aulas formais de percepção mostraram-me o quanto estava acostumado a sempre ter ferramentas externas ou instrumentos para tirar, criar e me aproximar das músicas. Além de ter despertado para a importância do solfejo e trabalho vocal para a compreensão e desenvolvimento da musicalidade.

Dessa forma, percebi que deveria desenvolver minha autonomia e que “ser músico” era algo ainda mais profundo, algo anterior aos instrumentos e ferramentas tecnológicas.

Paralelamente ao meu ingresso e estudos na UnB, fui me forjando professor particular de violão. Nessa minha experiência docente, percebo que uma parte significativa de alunos iniciantes procuram as aulas de música para obter habilidades além do próprio instrumento; como a habilidade de tocar e cantar ao mesmo tempo, muitas vezes motivados e inspirados por repertórios difundidos nas rodas de violão. E também a capacidade de destrinchar os arranjos musicais com o intuito de se aproximar cada vez mais das músicas e dos artistas presentes no cotidiano.

Mas o que constato diariamente é que parte desses estudantes, após uma breve experiência com aulas formais de música, optam, por exemplo, por trabalhar a relação entre voz e violão sozinhos (sem auxílio de professor) ou se frustram por perceberem o quanto um arranjo de violão trabalhado em sala de aula pode soar distante das gravações que ouvem no dia-a-dia.

Sinto-me instigado a experimentar, de forma prática, o desenvolvimento de um material gradual explorando estratégias de percepção em busca da autonomia musical, ao fomentar auto-crítica musical e criação contínua dos estudantes. Acredito que ainda há muitas interseções possíveis entre o aprendizado formal e informal. Por exemplo, como a teoria, percepção e solfejo podem se encontrar em um processo de descoberta e crescimento da autonomia do aluno também em práticas musicais consideradas informais, a fim de que a sala de aula também possa, cada vez mais, tornar-se um ambiente rico para tirar, tocar, cantar, criar, gravar e se aproximar das músicas e do mundo artístico.

Nesse contexto, esse projeto “Estratégias de Percepção em busca da autonomia musical: Uma proposta de material didático” propõe uma abordagem prática, baseada na aprendizagem musical informal, dentro do contexto de aulas particulares de violão. Com o intuito de fomentar estratégias de percepção e autonomia musical no processo de aprendizagem, desenvolvi um material didático baseado em áudios. Esse material foi utilizado em duas aulas de dois de meus alunos, e a reflexão sobre essa utilização será a base desse Trabalho de Conclusão de Curso. Portanto, o objetivo desse trabalho é:

- Implementar e avaliar como o material desenvolvido potencializa a percepção e autonomia musical.

Objetivos Específicos:

- Criar material didático baseado em gravações.
- Analisar a prática musical dos alunos após utilização do material.
- Refletir sobre minha própria prática músico-pedagógica a partir da implementação do material.

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

No capítulo 2 tratamos sobre os Princípios da Aprendizagem musical informal, significados musicais e papel do professor. Revisitou-se referenciais teóricos como Lucy Green (1997, 2000, 2012), Narita e Feichas (2015) que me baseei durante o planejamento, prática e posterior análise da proposta.

No capítulo 3 são traçadas especificações sobre a natureza da proposta didática: planejamento, perfil dos alunos participantes, metodologia e confecção de materiais.

No capítulo 4 elabora-se a implementação da proposta, juntamente com análise, reflexão pessoal e interpretações de todo o planejamento didático descrito no capítulo anterior. Ao traçar paralelos e contrastes com as teorias descritas no capítulo 2, aprimorei minha reflexão e auto-crítica, expondo inquietações, surpresas e insights ocorridos.

O capítulo 5 aborda tudo que aprendi como educador e músico nesse processo e quais são minhas perspectivas futuras a partir das reflexões aqui descritas.

2. Princípios da aprendizagem musical informal, significados musicais e papel do professor

Esse capítulo esmiuça os princípios da aprendizagem musical informal e significados musicais de acordo, principalmente, com a abordagem de educação musical de Lucy Green. Essa autora foi escolhida como referência ao estudo por relatar e analisar exatamente o tipo de aprendizado informal que estive envolvido durante os anos de minha formação, desde o início do meu processo musical violonístico com meu pai, posterior desenvolvimento com amigos durante a adolescência, até minha entrada no mercado de trabalho da música popular como instrumentista e educador.

De acordo com Green (2012, pag. 69), há cinco princípios fundamentais presentes na aprendizagem musical informal. O primeiro princípio é a escolha de repertório pelo aluno, esse é um ponto de partida recorrente na formação musical informal. A motivação do aluno quase sempre está atrelada a algum repertório musical específico e suas perspectivas. Logo, a autora traça como fundamental atenção que o universo subjetivo e a afetividade cultural guie essas escolhas. Em minha experiência anterior como professor de música sempre parti das escolhas dos alunos, no entanto, dessa vez experimentarei escolher e trazer um material novo, levando em consideração o que já conheço desses estudantes.

A segunda característica do aprendizado musical informal é o desenvolvimento do tirar de ouvido. Esse princípio trabalha a percepção musical profundamente, por meio de cópia e/ou imitação das gravações. Muitas vezes esse processo se dá de forma solitária e, nessa proposta, isso foi levado em consideração.

O terceiro princípio trata-se da aprendizagem em grupo. Após um variável período de exploração do instrumento, os músicos populares passam a aprender a habilidade de tirar de ouvido a partir de relacionamentos em grupos de amigos, sem orientação de músicos profissionais ou professores. Nessa proposta pedagógica temos uma limitação nesse aspecto, pois só temos a realidade de troca entre professor e aluno em sala de aula.

O quarto princípio surge na maneira pessoal em relação ao aprendizado musical. A motivação e caminho na música não é organizada por metas ou cronogramas pré-estabelecidos como em conservatórios de música de concerto, mas por experiência com a música no cotidiano, e suas implicações na busca de aprimoramento pessoal.

A última característica do aprendizado musical informal é o processo de integração das

habilidades. Nesse momento, a fluência musical se dá por meio de integração de habilidades, como por exemplo, tocar e cantar ao mesmo tempo. O processo não é segmentado como em outros tipos de aprendizagem musical.

Significado Musical

Em razão da proposta basear-se em um material musical concebido previamente por mim, senti a necessidade de analisar com cuidado que material musical seria esse e de onde partiríamos. Logo, a questão dos significados musicais tornou-se protagonista nesse processo de embasar a forma e conteúdo com que escolhi trabalhar.

Inicialmente, Green (2012, pag. 69) traça dois tipos de significados: significado musical inerente e significado musical delineado. O significado inerente trata-se das relações dos materiais musicais em seus aspectos mais primordiais, ou seja, som e silêncio. Logo, engloba todo o campo da teoria e técnica atrelada ao fazer musical. Mas, apesar de tratar-se de um aspecto aparentemente tão objetivo da música, ainda assim é preciso saber em que contexto estamos lidando:

Uma peça musical cujo recursos sonoros são de alta significação ou gratificação para um indivíduo, poderá ser o oposto para um outro. Há, daí, possibilidades múltiplas de emergência de significados inerentes dentro de uma mesma peça. Em suma, o que estou sugerindo é que enquanto os materiais sonoros integram fisicamente uma peça, os significados inerentes emergirão a partir das interrelações convencionais dos materiais sonoros e a capacidade perceptiva do ouvinte. (GREEN 1997, pag. 28)

Já o significado musical delineado refere-se às relações extramusicais que são criadas entre músico e público, como os fatores sociológicos, antropológicos, filológicos, políticos, religiosos e institucionais. Nesse panorama, podemos pensar em relações positivas e negativas em relação a cada um desses significados. Por exemplo, uma pessoa pode possuir domínio do significado musical inerente do repertório da música ocidental de concerto, no entanto, ao se relacionar com a música clássica indiana pode não conseguir entender as relações mais básicas dos materiais sonoros. Mas ainda assim, nesse exemplo hipotético, o indivíduo pode ter uma afetividade com esse repertório a partir do gosto por cinema indiano. Caracterizando assim uma resposta negativa ao significado inerente e resposta positiva ao significado delineado.

Entretanto, deve-se ressaltar que o termo “Significado Inerente” foi atualizado para “Significado Intersônico”:

São inerentes porque estão contidos no objeto musical, mas são construídos historicamente e, como mencionado anteriormente, podem ser aprendidos. O termo "inerente" não foi empregado no sentido de algo "inato" ou "natural" (...). Green (2008, p.87) passa a utilizar o termo "significado musical intersônico" para designar as propriedades sonoras e as relações intersônicas do material musical construídas na mente do ouvinte." (NARITA E FEICHAS. 2015, p. 25)

Papel do professor

Pensando-se além das relações entre significado intersônico e significado delineado, encontramos a postura e papel que o professor estabelece dentro do ensino musical como essencial para o tipo de ensino almejado. Dessa forma, Narita e Feichas (2015, pag. 26) expõem dois princípios: 1) O professor se tornar um facilitador da experiência, a fim de proporcionar abertura na visão de mundo do aluno; 2) Aprendizado baseado em troca mútua e respeito à bagagem e significados musicais assimilados pelo corpo discente em toda sua trajetória.

Feichas e Narita (2016, pag. 29) defendem que:

O papel do professor neste modelo permite que os educandos tenham mais liberdade de escolha, inclusive para conduzir seu próprio processo de aprendizagem, desenvolvendo sua autonomia. Isso abre possibilidades para que tanto o professor quanto os educandos "leiam o mundo" das práticas musicais de modo diferente, tornando-se ambos educadores e educandos.

A questão do papel do professor surgiu nessa proposta pedagógica ao refletir sobre o ensino musical que estava habituado a desenvolver com meus alunos e a aprendizagem musical informal descrita na literatura, principalmente, por Lucy Green. Nesse panorama, optei por mudar algumas dessas posturas antigas e experimentar novas formas de trabalhar nessa proposta de material didático.

3. Proposta pedagógica

A proposta pedagógica baseia-se no planejamento de duas aulas presenciais de 60 minutos cada. A música escolhida como material de ponto de partida dessas aulas foi a música “Avohai” do artista Zé Ramalho. Essa escolha se deu de acordo com o perfil musical dos estudantes. Constatou-se, em aulas anteriores, predileção e interesse por música “Folk” e “Mpb”, ambas em formato “voz e violão”. A música escolhida apresenta uma progressão harmônica principal contendo três acordes “abertos” (Em, G, D), de sonoridade familiar aos estudantes, por já terem sido trabalhados em repertórios anteriores, além de não ser necessário fazer trocas na mão esquerda demasiadamente rápidas.

As aulas foram aplicadas, gravadas em áudio, transcritas e analisadas. A proposta ocorreu com dois participantes, ambos são meus alunos de violão há alguns meses e podem ser considerados iniciantes, embora já carreguem uma musicalidade e bagagem artística bastante interessante. Os dois apresentam nível técnico parecido e interesse em desenvolver maior autonomia musical. O primeiro aluno chama-se Francisco, ator, 27 anos de idade e o segundo, chama-se Bruno, psicólogo, 28 anos de idade. Os dois permitiram que os nomes reais fossem usados. Tomei o cuidado de pedir que preenchessem um termo de consentimento, que se encontra no APÊNDICE B- Termos de consentimento (pág. 31, 32).

Para tanto, gravei uma versão instrumental da música antes das aulas. A gravação tornou-se objeto de estudo prático durante os encontros. Esse material foi gravado faixa por faixa, totalizando quatro faixas com instrumentos distintos, permitindo o uso dinâmico em sala de aula. Dessa forma, possibilidades como silenciar faixas inteiras ou regular volumes durante a execução garantem um material rico e versátil para a aplicação em aula. O material construído previamente encontra-se disponível para audição no seguinte link: <https://soundcloud.com/eu-voc-e-n-s/material-didatico-avohai>.

3.1 Preparação, criação do material:

A gravação do professor foi confeccionada com o software “Audacity”. O programa foi escolhido por ser uma plataforma de gravação simples, intuitiva e gratuita. A gravação trata-se de uma versão instrumental da música “Avohai” do artista “Zé Ramalho”. A gravação consiste em faixas que foram apreciadas, permutadas, silenciadas e reconstruídas, na medida do possível, por cada aluno na vivência musical dentro de sala de aula. A gravação original da música do Zé Ramalho encontra-se nesse link: <https://www.youtube.com/watch?v=a-HcL7JAG3s>.

A gravação confeccionada para as aulas contém 4 faixas:

- 1) “Violão base”
- 2) “Baixo”
- 3) “Cítara”
- 4) “Strings”

A faixa “Violão base” foi gravada com uma craviola, ou seja, violão folk de aço de 12 cordas, muito utilizado no repertório de música regional, por flertar com a sonoridade tímbrica da viola caipira. O instrumento foi conectado e captado por uma interface de áudio (Fast track - M-Audio - Guitar/Mic recording interface).

Já o “Baixo”, “Cítara” e “Strings” foram gravados por uma guitarra (Ibanez Rg7321), utilizando uma pedaleira de efeitos (Boss GP-10gk) como interface de áudio e um notebook (Dell Inspiron 5457). Esse mesmo notebook foi usado durante as aulas.

A criação da faixa “Cítara” foi baseada na versão original do Zé Ramalho, em que o artista também fez uso desse mesmo instrumento como solista nos temas instrumentais. No entanto, na minha gravação utilizei a cítara substituindo também a linha vocal, permitindo o reconhecimento da melodia principal da música.

Minha gravação se deu a partir da imitação do violão do Zé Ramalho: Gravei a primeira faixa “Violão base” ouvindo a versão original. Portanto, o andamento e dinâmicas dessas duas versões estão semelhantes. Depois dessa primeira faixa gravada, gravei a parte da cítara, somente com a referência da primeira faixa, ou seja, a partir daí o material começa a se emancipar da versão original. Posteriormente, houve a gravação da linha de baixo. Apesar da célula rítmica do baião estar presente como na original, a versão foi simplificada e adaptada para que os estudantes tivessem a possibilidade imediata de aprender essa linha. Na música original, foi utilizado um baixo fretless (braço sem trastes), possibilitando outros tipos de ornamento e outra sonoridade. Não houve necessidade de gravação de bateria e/ou percussão como na versão original. Essa escolha foi feita para facilitar a apreciação da harmonia e melodias. A proposta também visa, ao lidar com o contraste entre a gravação do professor e do artista, possibilitar caminhos novos para os estudantes organizarem suas próprias relações musicais. E por último foi construído o preenchimento do “Strings”: Esse timbre não é encontrado na gravação do Zé Ramalho, mas serve para “amaciar” o arranjo e propiciar uma imersão sonora em cada acorde, visto que uma das dificuldades, que observo nos alunos, ao lidar com o violão é sua característica efêmera na sustentação de cada nota.

O “Strings” aparece nas mudanças de acordes, possui um ataque lento e grande sustentação, traz uma sensação de suavidade. Essa faixa serviu para dar maior profundidade ao arranjo e testar se os estudantes a percebiam conscientemente.

Ao longo desse trabalho de criação material e de como ocorreu, posteriormente, a relação com os estudantes, tornou-se claro a importância das ferramentas musicais do professor. A bagagem artística do professor, além do conhecimento técnico e material para criação de gravações, serve para dar qualidade, equilíbrio e caminhos ao trabalho em sala. Cada uma dessas faixas possui uma dificuldade técnica distinta: Três delas (Violão base, Baixo, Strings) foram feitas para que os alunos conseguissem aprender de ouvido e já tocar durante as aulas, mesmo possuindo dificuldades como a questão de timbres (Strings e tessituras (Baixo) tão diferentes em relação ao violão). Já a última faixa (Cítara) seria um desafio técnico por possuir ornamentos demasiadamente rápidos para aprendizado e execução imediata do corpo discente. No entanto, torna-se uma possível inspiração musical para o aluno, visto que esse material também servirá como Playalong no decorrer das aulas, trazendo a responsabilidade do professor como modelo musical a longo prazo também.

Optou-se por não incluir gravação vocal nessa proposta inicial pois, em minha experiência pessoal em aulas de violão, constato que o uso da voz, dependendo da abordagem, pode tornar-se intimidador ao aluno. Como estou visando a criação de um ambiente seguro, o resultado vocal não poderia ser o centro das atenções nesse momento. Deve-se enfatizar que o trabalho, como um todo, visa a habilidade de coordenar voz e execução instrumental, e não a busca da técnica vocal em si. A escolha do repertório também foi baseada nesse ponto de vista. A música utiliza uma tessitura vocal bem próxima da região falada do artista, onde o cantor alterna entre partes melódicas e recitativos. Portanto, caso aconteça de algum aluno não responder bem à região melódica, pode-se construir uma interpretação recitativa mais flexível e personalizada.

Cabe ressaltar que, principalmente, no início do processo, optei por me posicionar como um observador e facilitador, evitando trazer respostas prontas ou interromper processos dos estudantes. Ou apenas exemplificando, se necessário, algumas formas possíveis de se lidar com os desafios.

Tanto a escolha dos timbres, quanto a forma de execução dessa gravação estão paramentados nas relações de significados encontrados nesse repertório. De acordo com Green (2012, p.64), um dos grandes fatores problemáticos no formato formal de aula de música trata-se da “alienação” musical que os estudantes desenvolvem em relação ao repertório trabalhado. Ou seja, o material musical utilizado não fornece relações interessantes o suficiente em relação à realidade cultural dos estudantes para que desenvolvam uma afetividade musical dentro da estrutura educacional proposta.

O fato do professor ter tomado a responsabilidade de escolher o repertório baseia-se no segundo estágio do modelo da Lucy Green (2012, pag. 73), em que a autora descreve a estruturação

prévia de materiais baseados em uma canção funk. Já Narita (2015, pag.63) expõe que: “No segundo estágio [do modelo de Lucy Green], os estudantes recebem trechos de materiais previamente preparados: áudios, e às vezes notações de músicas escolhidas pelo professor.” (NARITA, 2015, pag. 63, 64). Logo, partiremos desse mesmo estágio, com materiais (gravação) preparados previamente pelo professor.

Tendo em vista esse contexto, foi imprescindível o desenvolvimento de consciência, por parte do professor, do significado delineado na escolha da canção a ser trabalhada. Já havia sido constatada uma preferência musical em relação à “Mpb” e música “Folk” nos dois estudantes. Dessa forma, o repertório escolhido para guiar os encontros foi a música “Avohai” de Zé Ramalho. De acordo com a história divulgada na biografia do artista (KOLIVER, 2008), essa canção, que se consagrou como expoente do gênero “Mpb”, foi diretamente influenciada pelo artista “Folk” Bob Dylan.

Consciência também se faz presente em relação ao “significado intersônico” (GREEN, 2012), tendo em vista que todos os acordes e levadas são familiares aos estudantes. As progressões harmônicas são de fácil apreensão e todas as possíveis dificuldades técnicas contêm paralelos a outras já estudadas anteriormente. Mas se mesmo assim ocorrer resposta negativa, cabe ao professor desassociar a gravação da versão original da música e/ou, se for necessário, simplificar o material musical dentro de sala de aula.

No próximo capítulo será traçada a implementação, análise e reflexão mais aprofundada da proposta.

4 . Implementação, análise e reflexão da proposta

As aulas ocorreram durante o período de 25/05/2018 até 15/06/2018, sendo os dias 30/05/2018 e 13/06/2018 destinados aos encontros com o aluno Francisco, e os dias 25/05/2018 e 15/06/2018 destinados às aulas com o aluno Bruno. Alguns trechos das transcrições de áudio dos encontros serão expostos para ilustrar situações específicas ao longo da análise. Algumas explicações pontuais também serão incluídas, quando necessário, com o uso de colchetes “[]” em relação a acontecimentos e com parênteses “()” em relação a informações implícitas.

Aula 1)

Primeiramente fizemos uma apreciação do material gravado por mim com todas as faixas combinadas, conversando sobre a instrumentação ali presente. Como esperado, os dois alunos tiveram facilidade de reconhecer as faixas “Violão base” e “Baixo”, mas tiveram dificuldades de definir pelo nome o timbre da faixa “Cítara”. Também tiveram dúvidas em relação à faixa “Strings”, tanto para percebê-la dentro do todo quanto para defini-la. No entanto conseguem relacioná-la à um significado delineado (GREEN, 2012) associando-a com “Música de relaxamento”, “New Age” e “Trilha sonora”

Ao final dessa etapa, o aluno foi desafiado a “tirar de ouvido” o material, de modo semelhante à proposta de aprendizagem informal da Lucy Green, ou seja, sem ajuda de professor. Coloquei o arranjo completo para que o estudante começasse, já que já havia sido demonstrada faixa por faixa. A reação inicial dos dois estudantes foi de não acreditar que seriam capazes de aprender sozinhos de ouvido:

Professor - Agora seu desafio será tirar essa música de ouvido

Bruno - (risos) “escreve aí que o participante desistiu...”

(Aulas de Bruno. Aula 1. 25/05/18)

Logo, precisei prestar um auxílio inicial. Direcionei-os, comentando que seria mais fácil partir da imitação da faixa “Violão base”, e que todos os acordes contidos ali já haviam sido estudados em aulas anteriores.

A partir daí, me posicionei como um mero observador da experiência. Nesse momento estávamos testando a segunda característica do aprendizado musical informal, explanado no capítulo 2 em relação ao tirar de ouvido (GREEN, 2012, p. 68).

Após certo período de experimentação, percebi que ainda poderia acrescentar algumas formas de pensar que facilitariam o “tirar de ouvido” dos alunos naquele momento. Apesar de estar imerso na concepção de que deveria me afastar e deixar os estudantes se desenvolvendo sozinhos, Narita (2015, pag. 69) traz uma ressalva: “Os professores também fazem algumas intervenções musicais ou demonstram conhecimento de habilidades musicais práticas; entretanto, parecem evitar mobilizar seus conhecimentos teórico-musicais que poderiam auxiliar os alunos a seguirem além de suas experiências já conhecidas”.

Logo, senti-me com a necessidade de auxiliar. Primeiramente propus que o aluno indicasse, com um gesto, quando percebia mudanças de acorde na gravação. Depois, exemplifiquei que poderíamos descobrir e afinar as notas do acorde com a voz, encontrando os arpejos. O aluno Bruno teve um processo bem fluido e raramente interrompeu, logo essa exemplificação não foi necessária. Entretanto, o aluno Francisco demonstrou muito mais insegurança. Mas com a exemplificação do professor, Francisco encontrou novas ferramentas e estímulo para descobrir e vincular as notas do violão, de sua voz e do que estava ouvindo na gravação.

Assim que Francisco estabilizou uma proposta inicial da progressão harmônica da música, testamos se a proposta encaixava com a gravação do professor:

Professor – Quer testar? [professor liga a gravação novamente para aluno tocar por cima]

Francisco – Acho que rolou... (após a experimentação)

Professor – Entendi, eu não vou dizer se você está certo ou errado não. Então vamos gravar você tocando com a música, só pra tirar a prova real, não precisa se preocupar muito com a batida não.

Francisco – Vamos!

(Aulas de Francisco. Aula 1. 30/06/18)

Após algumas tentativas de gravações e escutas dos resultados, questioneei Francisco sobre o que havia achado de sua performance:

Francisco – Ah, não sei...Ficou meio desencontrado...Deixa eu gravar de novo a partir do “Ré”, que essa minha batida tá podre...

(Aulas de Francisco. Aula 1. 30/06/18)

Nesse mesmo ponto do planejamento, mas na aula do Bruno, também há indícios do amadurecimento de auto-crítica:

Bruno - Achei que toquei bem baixo (volume).

(Aulas de Bruno. Aula 1. 25/05/18)

Nesse momento, a atividade chegou a um ponto interessante com os dois alunos. Claramente percebe-se o desenvolvimento da auto-crítica musical. O aluno Francisco pediu para gravar de novo para melhorar a “batida”, esse pedido partiu dele e em momento algum o professor comentou sobre

“melhorar a batida”. Já o aluno Bruno relata que achou que estava tocando com pouco volume após ouvir sua gravação. O professor já havia comentado em aulas anteriores que o aluno deveria tentar “tirar mais som do instrumento”, mas o próprio estudante não percebia. No entanto, nessa aula, Bruno diagnosticou isso por conta própria e melhorou imediatamente.

O processo da aula continua ao experimentar gravar com diferentes permutações e feedback entre as faixas feitas pelo professor e aluno. Ex: ouvir somente a faixa 2 enquanto grava, depois ouvir somente a faixa 3, depois todas juntas e etc... Ao final de sua aula, Bruno relata:

Bruno - Acho que ficou sincronizado, em algumas partes. Acho que os acordes batem, uma coisa de: “vai vir agora”... É, vejo que eu já tinha noção de onde a música ia chegar, mas em momentos era surpreendido, aí me complica um pouco, também por não ter previsão ainda da música. Achei legal, não sabia que eu ia pegar tão fácil os acordes, claro, com umas dicas que você deu, me ajudou. E principalmente depois de achar o primeiro, aí ficou realmente mais fácil, porque achei e podia sempre voltar nele, e isso me mantinha no ritmo pra achar os outros. acho que foi isso, depois de achar o primeiro foi ficando mais fácil, mas esses outros dois ainda me deixa inseguro (mi, sol), eu vejo que encaixa, mas ficava pensando: será que é mesmo?

Professor - Mas porque você acha que o “Ré” é mais fácil?

Bruno - Eu acho que porque, foi o acorde que mais se repetiu (nos repertórios passados), fica muito aí, então acho que já tenho uma familiaridade com esse acorde, mas o “mi”, o “sol”, o “dó”, não tanto..são mais estranhos pra mim, não estou tão familiarizado com eles.

(Aulas de Bruno. Aula 1. 25/05/18)

Já Francisco trouxe outras associações e demonstrou interesse por aspectos diferentes em relação às gravações:

Professor - Agora vamos ouvir com outra combinação (Violão Base gravado pelo Francisco e Strings)

Francisco – Juntar os instrumentos é samplear? Quando junta assim?

Professor – Isso é mixar. Samplear, na verdade, é quando você pega...por exemplo, é o que DJ faz... pega um trecho de música, você corta e faz outra coisa, ou deixa ela em Loop, isso é um Sampler. Mixar é quando junta.

Francisco – Samplear é só recortar e deixar em loop?

Professor – É, samplear é pegar um pedaço de uma música e fazer outra coisa. Não precisa, necessariamente, deixar em loop, é só esse recorte. Rola muito no Rap, música eletrônica...

Francisco – Teve uma peça (teatral) que eu participei que tinha um músico, e ele falava de samplear [aluno começa a cantarolar algo], mas ficava em loop mesmo. Acho que a trilha era bem essa repetição de trechos...

Professor – É, você pode mixar Sampler, ou seja, misturar vários recortes pré-gravados.

Francisco - Ah tá...

Professor – É, as coisas andam juntas também... DJ faz os dois o tempo todo... Mas, por exemplo, to gravando um disco de Rock e não tem Sampler, mas vai ter a Mixagem, porque os instrumentos são gravados separadamente....

Francisco – Qual que é qual nessa grafia aí? [aluno aponta para as ondas sonoras no software]

[Professor indica faixa por faixa o que é o que, mostrando como a onda sonora tem aspecto diferente para cada instrumento...ouvem a gravação de todas as faixas, mas com violão do aluno]. Ao final da aula, Francisco relata:

Professor – E aí? O que achou?

Francisco – Acho que tirei nota 10, rolou! Bacana, primeira música que tiro de ouvido!

Professor – Ah é?

Francisco – É, quer dizer, comecei... É muito abstrato, realmente, o que é tirar de ouvido... Mas esse caminho de, pelo acorde, tentar achar com a voz... Tentar descobrir que nota é essa, foi um caminho bom! Very Nice! Vontade de fazer mais... É, porque trabalha com a sua inteligência, a sua capacidade de perceber. Mas eu fico pensando... o quanto, de uma certa base, você já tem que ter né? Tipo essas notas que eu já conhecia...

Professor – É, e você cantou né? Você usou sua base de afinação... (refere-se ao ponto em que professor exemplifica que usa a voz para achar as notas dos acordes e aluno se apropria dessa técnica)

Francisco – Também (risos). É, tem umas coisas assim né...

Professor – E a batida também, porque eu não disse nada da batida, te soltei na fogueira e você se organizou.

(Aulas de Francisco. Aula 1. 30/06/18)

Esse primeiro encontro mostrou-se revelador para minha atuação em muitos aspectos. A surpresa mais importante foi perceber o quanto os alunos já traziam bagagem musical suficiente para lidar com o material musical com tanta independência. Os dois conseguiram encontrar a harmonia principal da música e aplicar, cada um de sua forma. Percebi que, em muitos momentos, tive ansiedade de mostrar logo a forma “correta” de aprender, no entanto, consegui segurar esse impulso e deixar mais espaço de autonomia para eles.

Aula 2)

A música original só foi apresentada no segundo encontro, logo depois de uma breve apreciação e resgate do material gerado na aula anterior (ouvir de novo a gravação e tocar). Esse também foi o primeiro momento em que o professor tocou a música junto com o aluno, confirmando o que foi consolidado na aula anterior.

Nesse novo momento, exemplifiquei a forma com que trabalho para aprender letras e linhas vocais. O método foi baseado em minha vivência prática e informal como ator em teatro e cinema, e funciona da seguinte forma:

- 1) Com um celular, grava-se a própria voz lendo um trecho da letra, de forma mais neutra possível: sem ritmo, melodia, acentuações, pausas e etc.
- 2) O estudante ouve a gravação e repete o que ouve, com um deslocamento rítmico,

assim como um cânone contínuo, por várias vezes, até automatizar a articulação sílabica do trecho.

- 3) Repete-se o tópico 2, mas com o uso da melodia, ritmo, e estilo vocal estudado. Pode-se acrescentar elementos gradualmente, mas sempre utilizar a própria voz
- 4) Ouvir a gravação original e comparar as duas, agregando recursos técnicos a partir da percepção.

Os alunos foram convidados a experimentar o método por conta própria. O trecho escolhido da letra foi a primeira frase musical vocal: “Um velho cruza a soleira de botas longas, de barbas longas, de ouro o brilho do seu colar”. Inicialmente, o aluno Bruno apresentou certa dificuldade para entender o conceito do segundo passo.

Professor – É, aí você tentou fazer junto né [na primeira tentativa o aluno falou junto com gravação, ao invés de tentar o cânone], pensa como um “eco” mesmo.

Bruno – É que eu não tava lembrando, na real...

Professor – É, você tentou ir junto com o áudio. Tenta realmente ouvir e repetir o que você ouve. (aluno tenta novamente, com certa hesitação) (..) É isso aí, é um trabalho de concentração, porque fica um pouco confuso...

Bruno – É, você fica falando uma coisa e tá ouvindo outra...

Professor – É, o negócio é focar no que ouviu e repetir. Ao mesmo tempo sua cabeça já tá ouvindo o próximo (trecho)...

Bruno – Sim, é, tá... Continuo?

Professor – Faz mais algumas vezes... Beleza! Fala aí uma vez.

Bruno – Um velho cruza a soleira de botas longas, de barbas longas, de ouro, o brilho do seu colar.

Após algum tempo de trabalho, voltamos a apreciar esse mesmo trecho, mas na gravação original do artista. Refletindo sobre a forma com que o cantor canta tal trecho:

Professor – Vou botar só o trequinho pra gente ouvir esse primeiro verso. Tentar prestar muita atenção na forma como ele canta e tentar ouvir e viver a música internamente. (...)

Bruno - Eu tenho a sensação de que o “bicho” tá cantando cansado né? Tá de saco cheio. (aluno imita o cantor)

(Aulas de Bruno. Aula 2 – 15/06/18)

Já o aluno Francisco fez todo o processo rapidamente, pois já estava familiarizado com várias formas diferentes de decorar textos, por ser ator. Até recomendou algumas formas que eu não conhecia. E na parte de comparação com a gravação original acabou indo para outro caminho, prestando mais atenção a cada sílaba do texto:

Professor – Mas assim, além do texto? A forma com que ele canta, com que ele fala isso? (professor pergunta o que está acontecendo na música durante a apreciação do trecho)

Aluno imita o cantor original, e reflete:

Francisco – É, ele enfatiza algumas sílabas, alguns tons. “um velho”, aí enfatiza “velho”...
(aluno imita novamente)

(Aulas de Francisco. Aula 2. 13/06/18)

Nesse processo, os estudantes tiveram a oportunidade de organizar seu aprendizado e ampliar sua experimentação técnica vocal com base na imitação. Além de se tornar seu próprio modelo musical, escutando sua própria voz gravada, mas sem entrar em foco demasiado a possíveis julgamentos estéticos. Para tanto, a proposta desse exercício é justamente proporcionar que a mente do aluno esteja ocupada com tarefas concretas de atenção contínua (decorar e executar o canção).

Cabe ao professor guiar essa atividade para o caminho mais musical, vocalmente saudável e criativamente fluido possível, fomentando um ambiente seguro e tranquilo em que o aluno não se sinta exposto ou vulnerável ao lidar com a voz.

Posteriormente a aula segue com um trabalho análogo à prática musical informal das “jams” musicais, ou seja, cria-se um ambiente musical de improvisações. No caso, professor toca e canta esse determinado trecho musical conjuntamente com o aluno em repetições contínuas, propondo improvisos e variações de todo o tipo a partir dessa repetição. Essa escolha foi inspirada na ênfase com que Lucy Green aponta sobre o uso de práticas musicais tradicionalmente informais para o aprendizado na música popular:

É importante incluir a música popular nos currículos e trazê-la para a sala de aula mas não podemos esquecer as suas práticas de aprendizagem e os correspondentes valores e atitudes. Uma tal atitude faria com que a música popular praticada na sala de aula fosse apenas uma versão acadêmica peculiar, despida dos mesmos métodos que a criaram e, como tal, pouco parecida com a verdadeira música popular. (GREEN, 2000, p. 66)

Nesse momento, o aluno tem a base instrumental e vocal do professor como segurança e guia para poder experimentar formas de tocar, cantar e de lidar com interseções dessas habilidades.

Ao mesmo tempo, o professor começa a provocar criativamente o aluno por meio de pequenas variações vocais, além de fomentar apropriações de eventuais “erros” que ocorriam, tratando-os como novas linguagens possíveis.

A princípio, essa experiência permitiria que a parte do violão se tornasse mais automatizada, já que, nesse segundo encontro, o foco maior esteve na consolidação e consequente experimentação no trabalho vocal. Entretanto o resultado foi diferente com cada aluno. O aluno Francisco acabou criando, além de improvisos vocais, mudanças de dinâmica e novas batidas no violão nunca antes estudadas, em um processo fluido e sem interrupções:

Professor – O que você acha que aconteceu?

Francisco – Vieram outros ritmos né, assim...eu não sabia, mas de alguma forma já ouvi, assim, meio “Goiás”... Não sei mais como é.. meio “de viola” (viola caipira). Aí lá pro final eu “baixei” o volume, também temos essa tendência de aumentar a intensidade e aumentar o volume né? Aí “baixei” um pouco, mas acabei abaixando a intensidade também.

Professor – Você descobriu uns ritmos que você nem sabia que você sabia. Não é que você saiba mesmo, mas já tá no seu ouvido, na sua bagagem musical, mas aí com um pouco de “flow” ele sai... Nem era o objetivo da atividade, mas aconteceu. Essa coisa de tocar e cantar, você pode usar todos esses jogos cênicos que você já faz né.. O lance é a naturalidade. Não precisa ficar só no original... A gente ouviu um trequinho dele (Zé Ramalho), estudamos um pouco como ele canta. Aí depois podemos gravar, brincar com cânone. Depois ir pra outra voz (professor exemplifica tocando e cantando a mesma frase mas partindo de vozes diferentes dentro da harmonia)

Francisco- Aí já seria brincar com altura né?

Professor – Isso, são as vozes... quando as pessoas chamam de segunda voz (...)

(Aulas de Francisco. Aula 2. 13/06/18)

Esse relato evidencia uma das características da aprendizagem musical informal apontada por Green e exposta no capítulo 2: o fato do aprendizado acontecer de forma desordenada e de maneira pessoal. Eu, como professor, planejei e esperei que a criação fosse somente vocal, mas aconteceu criação violonística também.

Já o aluno Bruno acabou realmente focalizando mais na voz:

Professor – E aí, o que você achou?

Bruno – Massa pra caral*! Tipo, parece que também, quando muda de acorde, tipo quando foi pro “Mi” chamava muito mais pra uma coisa mais grave assim...Pro sol, mais agudo. E o ré é realmente o que combina, você sente que é aonde ele tá na música naquele momento. Isso foi massa de perceber. Achei irado isso de ficar brincando, fazendo outras possibilidades né? Isso né, achei muito legal “um velho usa coleira”, você tirou o “c” do cruza e mandou pro “soleira”, trocou os dois inícios. Não sei, acho que também isso faz pensar... quando você coloca um outro tom, tipo um heavy metal, a gente imagina que tá caindo uma tempestade atrás do “bicho” (personagem presente na letra da música). Aí traz uma outra imagem, deixa mais forte... então você tá meio que enriquecendo o negócio...

Professor – É uma interpretação...

Bruno – Exatamente, você tá meio que interpretando... Aí tem uns... é bem “nonsense”...

Quanto mais agudo você vai indo mais “nonsense”, e quanto mais grave...sei lá... Você pode ir o mais grave que quiser e ainda estará dentro da música... É, achei irado esse exercício!

Não sei também o quanto que bagunça...

Professor – É, isso é experimentação... É um processo né? Pra viver o caos mesmo.

Bruno – É, achei irado porque parece o lance de estar improvisando... Improvisando com o tom e com a ordem que as coisas aparecem... Isso que eu acho fod* também do Lacan (fazendo alusão à conversa de outra aula): quando termina a frase? “Um velho cruza a soleira”, você pode parar aí e depois você voltar... Ou se começar com “de ouro o brilho do seu colar” e depois a outra frase, tudo vira outra coisa. Dependendo de onde você começa dá outro foco. Achei fod*, achei massa!

Professor – O que acontece é que, intuitivamente, estamos cantando dentro das escalas.

(professor demonstra vozes diferentes da melodia com violão e voz) Intuitivamente a gente vai estar dentro da escala da música. Não vou dizer que são infinitas possibilidades, mas são muitas (possibilidades) de permutação: ordem de nota, salto, ou ficar só em uma nota... a gente pode fazer o que quiser com a música. O lance dos acordes vai mudar muito... (professor improvisa rapidamente) O ritmo, os ornamentos, tudo pode mudar. Aquela hora que eu falei “tenta entrar logo depois”... é porque música é um campo de habilidade, por exemplo, em um esporte se o cara pensar muito, ele perde o timing...Porque ele tem que estar sempre lidando com um estímulo e responder prontamente, praticamente instintivamente. Se você está no palco e precisa improvisar... Se você tem um pensamento verbal: “ah, eu vou usar tal escala” você perde (o timing).

(Aulas de Bruno. Aula 2 – 15/06/18)

Ao final dessas duas aulas, os estudantes receberam, por e-mail, a gravação do que foi feito. Dessa maneira, além de toda a experiência prática, o processo fornece um material concreto gravado. O ideal seria que todas as faixas confeccionadas pelo professor fossem substituídas por faixas criadas pelo aluno. Não necessariamente com o mesmo arranjo, mas proporcionando uma experiência de criação, improvisação, composição, performance, interpretação pessoal e gravação do estudante. Num hipotético segundo momento, o professor pode introduzir a gravação vocal no resultado material, partindo desses mesmos princípios e processos.

Após o relatado anteriormente, devo ressaltar que essa experiência mudou a forma com que eu trabalhava com esses alunos. A primeira mudança foi o fato do professor escolher e trazer um repertório, com o cuidado de considerar os significados (GREEN, 2012) envolvidos. O meu padrão de conduta anterior era sempre pedir que os alunos escolhessem as músicas que queriam aprender, pois era uma forma de me expandir musicalmente, ter desafios e sentir que não estava impondo caminhos musicais pré-estabelecidos. O máximo que eu fazia era mostrar algum repertório novo que se relacionava com algo que o aluno trazia, mas só como apreciação no final das aulas.

Apesar de anteriormente seguir esses repertórios dos alunos, ficou claro que, logo depois, na prática, eu não dava espaço para que eles se desenvolvessem autonomamente em sala de aula, pois já tirava tudo e organizava para eles. Logo, mesmo atendendo o primeiro princípio que Green (2012, pag. 69) aponta em relação à formação informal de músicos populares, todo o resto da aula era bastante tradicional e não se baseava nessa aprendizagem musical informal. No relato final dos estudantes, os dois disseram que era a primeira vez que realmente tiraram uma música de ouvido. Jamais imaginaria que relatariam isso, ou sequer que fosse verdade.

A análise que traço a partir desse primeiro choque de pensamentos é que estava muito focado em mim mesmo como professor: Ansioso para render o mais rápido possível tecnicamente nas aulas, e também fazer com que os estudantes percebessem que eu era um bom músico. No entanto, estava gerando uma relação de dependência, sem enxergar a realidade dos alunos.

Pode-se afirmar que todo o início da primeira aula foi baseado na segunda característica que Green (2012, pag. 69) afirma sobre a aprendizagem musical informal. Pois, o aluno teve quase um terço da aula para tirar de ouvido a gravação do professor. Confesso que fiquei bastante surpreso com o desempenho que os estudantes apresentaram e conquistaram nesse momento. Também admito que tive que me segurar para não resolver tudo por eles, revelando para mim mesmo o quanto que estava habituado à uma postura mais centralizadora como docente. Também percebi que, em alguns momentos, principalmente o aluno Francisco, que estuda comigo há um pouco mais de tempo do que o Bruno, precisou muito da aprovação e segurança do professor, mesmo quando estava acertando ao usar suas ferramentas e habilidades. Apesar desse aluno ter tido um processo mais inconstante, desmarcando aulas anteriormente, não descarto a hipótese de que minha postura fomentava essa insegurança.

Outra insensibilidade, proveniente de não focalizar no estudante, que cometi também na primeira aula do Francisco se faz evidente nesse diálogo:

(Processo de tirar a música de ouvido)

Professor- Toca nota por nota (de determinado acorde), vê se você identifica que nota está cantando.

Francisco - Seria essa? (aluno toca uma nota, mas canta uma quinta acima e não percebe)

Professor – Vamos ouvir a gravação de novo... (Aluno tentando afinar com o baixo, mas puxando a quinta dos acordes).

(Aulas de Francisco. Aula 2. 13/06/18.)

Nesse momento ficou claro que tinha ido por um caminho difícil. Estávamos conversando sobre identificar os arpejos dos acordes utilizando a voz (o que gerou bons frutos). Entretanto nesse diálogo específico estávamos focalizando no baixo, a fim de encontrar as fundamentais dos acordes. Presumi que seria natural o aluno cantar os baixos ou oitavá-los, mas como a voz dele não possuía essas notas tão baixas, tudo ficou confuso. Acabei mudando o foco para a apreciação novamente.

Acredito que a terceira característica que Green (2012, pag. 69) define, ao esmiuçar a importância do aprendizado em grupo esteve presente, no final da segunda aula, na realização da “Jam”. Considerei esse um ponto alto da experiência, pois nunca havia visto os alunos tão à vontade com o tocar e cantar ao mesmo tempo, além de estarem improvisando. Dessa maneira, o quinto princípio (GREEN, 2012) também se fez presente, pois as habilidades e conhecimentos se integraram na prática. Portanto, apesar de eu reconhecer, como músico e artista, a importância da não-linearidade nos processos, como professor ainda tenho muito o que aprender a respeito disso. Minha tendência seria duvidar que esse momento final seria possível de ocorrer do jeito que

ocorreu. Na verdade teria feito o oposto: trabalhando cada uma dessas habilidades parte por parte, em várias aulas, antes de tentar fazer música real. Possivelmente teria sido um processo muito mais árduo.

Outro fator que chamou a atenção é o senso de auto-estima e auto-consciência que os alunos construíram durante o processo: experimentar propostas e ir descobrindo, com o auxílio de um professor, cumprindo um papel maior de facilitador do que de expositor, pareceu-me renovador no processo e amadurecimento musical desses estudantes.

Posso afirmar que a gravação do professor trouxe bons resultados. Na segunda aula, ao introduzir a música original, os alunos relataram que acharam a versão original do Zé Ramalho mais confusa para se aprender de ouvido, pois o violão está bem menos evidente. No entanto, usando a gravação do professor como ponte, creio que os estudantes descobriram e aprimoraram um aspecto profundo da musicalidade: ouvir o todo harmônico, independentemente do arranjo, conseguir imaginar instrumentos diferentes completando-se de variadas formas.

5. Reflexões e considerações finais

Acredito que o material gerado e a experiência de sala de aula nessa proposta potencializou a percepção e autonomia musical dos alunos. No entanto, o processo precisa ter continuidade para que esses resultados se concretizem de forma mais consistente.

Também posso afirmar que a realização desse trabalho envolveu uma reconstrução da minha abordagem em sala de aula. Observo o tanto que sufocava os estudantes com soluções prontas ou perfeccionismo técnico em excesso, talvez por ter pressa em minha própria evolução como músico e instrumentista e, sem perceber, acabar induzindo essa pressa em relação ao processo dos estudantes. Mas cada aluno desenvolve-se em um processo inteiramente diferente e, como educador, reitero que precisamos voltar nosso foco e olhar para as necessidades reais dos estudantes.

Também fica evidente a necessidade de aprimorar cada vez mais a qualidade musical, material e pedagógica do professor. Noto que há momentos em que separamos o nosso lado “músico” do lado “educador”, entretanto, esses dois lados podem se expandir conjuntamente se criarmos novas relações entre as capacidades que já possuímos. Há muitas fronteiras em que não costumamos nos aventurar, talvez por automatismos, medos ou por não percebermos a validade e riqueza das múltiplas interseções possíveis entre nossos aprendizados, tanto formais quanto informais. Dessa maneira, fazer com que a musicalidade e a docência caminhem juntas, em diálogo contínuo, dual e reflexivo tornou-se um novo objetivo ao final da experiência. Foi impressionante perceber que muitos aspectos novos experimentados nesse planejamento tratam-se de ferramentas que eu já possuía há muito mais tempo como músico: como a capacidade de gravar, criar timbres, arranjos, relacionar significados, exemplificar insights de percepção e organizar estudo musical. No entanto, ainda não tinha percebido que poderia aplicar isso em minhas aulas.

Convenço-me que trata-se mais de uma descoberta, um despertar de um músico-professor do que a busca por respostas e métodos supostamente prontos. Nesse panorama, recordar de toda a minha trajetória musical e valorizar a bagagem que tenho foi imprescindível para as reflexões que vieram à tona nesse trabalho. Percebo que, ao longo dos anos, deixei de propor certos processos por pressupor que eles já estão sendo vividos, ou que estão implícitos também na vida dos alunos, como por exemplo, o tirar de ouvido. Surpreendi-me com o relato de que era a primeira vez que os alunos sentiam que tinham aprendido música realmente sozinhos.

Também fiquei surpreso com a capacidade que os estudantes mostraram de se organizar e buscar caminhos inteiramente novos de apreender o material proposto, além da criação do senso de

auto-estima e autonomia que conquistaram durante o processo. Fico curioso com até onde poderíamos chegar com a continuação desse caminho pedagógico.

Acredito que o planejamento chegou a resultados positivos e superaram algumas expectativas ao se desdobrar por caminhos não imaginados: como a conversa sobre “sampler” durante a primeira aula do Francisco ou a reflexão na segunda aula do aluno Bruno sobre a psicologia por trás do personagem retratado na música.

Com o uso das gravações, também tornou-se claro, para os alunos, alguns problemas de execução que eles já apresentavam ao longo de seus processos. Basta revisitar os comentários dos estudantes ao apreciar suas gravações misturadas com a gravação do professor. Dessa forma, a resposta a esse tipo de abordagem, que fomenta a percepção e auto-crítica dos estudantes, revelou-se muito mais eficiente em termos práticos do que apenas o professor expor suas críticas verbalmente.

Minha perspectiva para o futuro é justamente continuar esse processo relatado, aproveitar esse empurrão inicial que a proposta pedagógica trouxe em minha evolução e reflexão como educador, músico e artista. Esse Trabalho de Conclusão de Curso foi, para mim, uma forma de experimentar e trazer renovação holística no que eu acreditava ser a educação musical e as aulas de instrumento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEICHAS, H. F. B. ; NARITA, F. M. . **Contribuições de Paulo Freire para a Educação Musical: análise de dois projetos pedagógico-musicais brasileiros**. Cuadernos de Musica, Artes Visuales y Artes Escenicas , v. 11, p. xxx, 2016.

GREEN, Lucy (1997). **Pesquisa em sociologia da educação musical**. Revista da ABEM. P. 25-35

GREEN, Lucy (2000). **Poderão os professores aprender com os músicos populares?** Música, Psicologia e Educação, (2). Porto: CIPEM, ESE do Porto. p.65-79.

GREEN, Lucy (2012). **Ensino da música popular em si, para si mesma e para "outra" música: uma pesquisa atual em sala de aula**. Revista da ABEM. p. 61-80.

KOLIVER, Henry (2008). **Zé Ramalho – o Poeta dos Abismos**. Editora Madras. 2008

NARITA, F. M. . **Em busca de uma educação musical libertadora: modos pedagógicos identificados em práticas baseadas na aprendizagem informal**. Revista da ABEM , v. 23(35), p. 62-75, 2015.

NARITA, F. M. ; FEICHAS, H. F. B. . **Ouvir, Escutar e Tocar: Resignificando práticas musicais pela abordagem de Lucy Green**. 2015. Compasso Virtual, 24-29.

APÊNDICE A – Esquema do planejamento

Aula 1 (60 min)

- 1) Apreciação da gravação confeccionada pelo professor
- 2) Aluno será desafiado a tirar de ouvido/imitação
- 3) Gravações do aluno
- 4) Apreciação da gravação do aluno
- 5) Diálogo sobre experiência

Aula 2 (60 min)

- 1) Aluno mostra como está o processo
- 2) Alguns apontamentos e correções
- 3) Aluno e professor tocam juntos com a gravação original da música
- 4) Professor exemplifica método Cãnone para letras e melodias
- 5) Aluno experimenta método Cãnone
- 6) Improvisação - Jam
- 7) Diálogo sobre experiência e feedback do professor

APÊNDICE B – Termos de consentimento**ESTRATÉGIAS DE PERCEPÇÃO EM BUSCA DA AUTONOMIA MUSICAL: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO**

Eu, Bruma Costa de Paula, concordei com o pesquisador e aluno do departamento de Música da UnB, Guilherme de Oliveira Cezario (matrícula 090025466), em participar desta pesquisa. Ficou claro para mim o objetivo dessa pesquisa, e entendi que os procedimentos a serem realizados incluem gravações de áudio das aulas para posterior análise e possível transcrição de trechos.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas, tendo garantia de confidencialidade e uso somente acadêmico desse material. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Brasília, 25 de maio de 2018

ASSINATURA DO PARTICIPANTE:

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Bruma Costa de Paula
Guilherme de Oliveira Cezario



ESTRATÉGIAS DE PERCEPÇÃO EM BUSCA DA AUTONOMIA MUSICAL: UMA PROPOSTA
DE MATERIAL DIDÁTICO

Eu, **Francisco Leal**, concordei com o pesquisador e aluno do departamento de Música da UnB, Guilherme de Oliveira Cezario (matrícula 090025466), em participar desta pesquisa. Ficou claro para mim o objetivo dessa pesquisa, e entendi que os procedimentos a serem realizados incluem gravações de áudio das aulas para posterior análise e possível transcrição de trechos.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas, tendo garantia de confidencialidade e uso somente acadêmico desse material. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Brasília, 25 de maio de 2018

ASSINATURA DO PARTICIPANTE:

Francisco Leal

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Guilherme de Oliveira Cezario

APÊNDICE C – Transcrição de aulas de Francisco

Aula 1 - 30/06/2018

1) Apreciação da gravação completa confeccionada previamente pelo professor:

Professor - O que você ouve de instrumentos?

Francisco - Baixo, violão e um tecladinho... eu ouvi um teclado em uma hora aí.. Tem algum outro?

Professor – Tem esse agudinho solando... ele, na verdade, é uma simulação de cítara, que tem essas puxadinhas (professor mostra “slides” e glissandos com o violão). Um violão de aço de 12 cordas fazendo a base. Um baixo, marcando esse ritmo bem de baião. E tem esses efeitos no fundo que lembram um teclado mesmo, mas é feito na guitarra mesmo, meio New Age. E o estilo dessa música?

Francisco – Eu conheço, é “Avohai” né? Só que é de outra forma, é outro arranjo né? Não sei se é assim que fala

Professor – Aham, mas como você reconheceu?

Francisco – Ah, pela melodia (aluno cantarola), bem marcante. Mas ela tem essa pegada meio indiana mesmo (se referindo ao timbre da cítara)

Professor - É, acaba que a cítara deixa esse ar...

Francisco- Mas é a base que faz eu reconhecer: tramdrumdrum (aluno cantarola levada do violão). Í depois entra esse aí que já é a letra, né? (referindo-se ao instrumento solista)

Professor – Isso, a cítara vai solando a melodia que ele canta, dialogando com timbre de viola caipira, essa coisa mais metálica.

Francisco – Nessa parte que eu achei que era um teclado (aluno se refere à cítara em staccato em uma região média)

Professor – Ah, entendi. Isso é a cítara também, mas numa região mais média... Vou te mostrar as faixas, uma por uma... esse é o violão, é o mais fácil de reconhecer... essa é a cítara... Esse é o baixo, é bem simples, ele vai segurando essa base... E esse é o Strings, “new Age”, feito numa guitarra bem manipulada.

Francisco – Ah, meio Enya, né? Adoro....

Professor – Esse timbre foi escolhido por influência de uma música do Alceu Valença, Estação da Luz, você conhece?

Francisco – Ah, não...

Professor – Pronto, agora seu desafio é tirar essa música no violão!

Francisco – Eita, tirar?

Professor – É, aprender a tocar ela...

Francisco – Ah tá...

Professor - ...de ouvido... Começando por esse ritmo do violão. Todos os acordes que tem nessa música você já sabe tocar, que são acordes abertos. Mas a ideia é que você tire, posso te auxiliar, mas não vou influenciar muito. Vou pegar um copo d'agua...

Francisco – Ah, tá... (aluno começa a experimentar acordes em cima da gravação)... Esse com certeza tem (Ré maior, tonalidade da música), esse aqui também parece (Sol maior)... É, acho que eu chuto esses três: Sol, ré e Lá menor, não? Talvez....

Professor – Ele tem também, em um momento (Lá menos). Vou colocar de novo, mas somente a faixa do violão, pra não ficar tão confuso, mas pode continuar (professor solta a trilha e aluno volta a experimentar por cima)

Francisco- tem três? (acordes)

Professor – É, tem uma progressão principal, mas tem umas variações...

Francisco – esse aqui é um, né? Isso é um acorde?

Professor – É (um acorde), esse é o ré menor (mas o da música é maior)

Francisco – Então, essa batidinha que fica mais é aqui (ré maior que fica mais tempo na progressão), aí o outro é esse (Sol maior), consegui pegar esses dois movimentos (aluno canta baixo junto, mas não pega a fundamental, pega as quintas)

Professor – Aham... Quando tem mudanças de acorde aqui, me mostra)

Francisco – (gravação recomeça)... Mudou, mudou, mudou... Tem três!

Professor – Então sua proposta é o Sol e o Ré, né (estão corretos)? Falta mais um... (aluno volta a experimentar com a gravação, agora cantando mais. Aluno tem dificuldade de diferenciar o Sol maior do Mi menor. O que faz sentido, pois têm notas em comum)

Francisco – Tem essa descida né? (aluno só canta os baixos)

Professor – Essa nota aí que você está cantando, tenta achar no violão?

Professor achava que seria a fundamental, mas na verdade ela era a quinta do acorde... Aluno afina muito bem notas dentro dos acordes, mas sua voz não chega nos graves que seriam o baixo/fundamentais dos acordes (E2, G2). Então estratégia do professor ajuda o aluno a entender melhor sobre harmonia, mas não chega no resultado que o professor esperava, aluno fica confuso...

Professor- Toca nota por nota (de determinado acorde), vê se você identifica que nota está cantando.

Francisco- Seria essa? (aluno toca uma nota, mas canta uma quinta acima e não percebe)

Professor – Vamos ouvir a gravação de novo... (Aluno tentando afinar com o baixo, mas puxando a quinta dos acordes). O negócio é o seguinte, o acorde tem várias notas, o que pode ser meio confuso pra gente saber o que realmente está procurando, mas se você pensar por outro lado, se você conseguir cantar as notas que tem em determinado acorde, você acha ele. Entendeu? Acorde significa que são mais de duas notas tocadas ao mesmo tempo, esse que tocamos tem três notas (tríades)... Por exemplo, se estou tentando tirar uma música e estou completamente perdido, eu tento cantar alguma nota que está lá no acorde, quando eu acho três notas eu já consigo achar o acorde...lógico que tem acorde que tem mais notas, mas já é um ponto de partida...Mas você tá indo num bom caminho, de tentar cantar o que ouve...

Francisco – Aham...

Professor – Vamos ouvir só esse comezinho (professor solta a faixa “violão base” somente na primeira progressão, só falta o aluno achar o “Em”)

Francisco- Acho que esse tá (Aluno começa a tocar somente notas)

Professor – Bem, você tinha achado dois acordes já, o G e o D. Só falta um acorde, o primeiro...Então vamos deixar esse palpite... Só falta o do comezinho... (aluno volta a experimentar com a gravação) Essa coisa de pegar nota por nota é só pra ajudar, mas o objetivo é o acorde. Vamos pensar de outra forma, em termos de agudo e grave, como um todo, qual soa mais grave e qual o mais agudo? (aluno volta a ouvir a gravação e cantar)

Francisco – Vai crescendo, do grave pro agudo...

Professor – Isso, então vamos procurar um acorde mais grave que o G.

Francisco – Dó, ré, mi, fá, sol? (contando as notas pra descobrir o que seria mais grave)

Professor – Tente pensar de todas as formas possíveis, use todas as suas armas ... (aluno volta a experimentar)

Francisco- Esse eu acho que é mais grave (F#)

Professor – Quer experimentar? (professor colocar a gravação novamente pra aluno experimentar)

Francisco – (Aluno acena um “não” com a cabeça) Acho que eu não tenho mais repertório (de acordes)...aluno chega no Em

Professor – Que testar? (professor liga a gravação novamente)

Francisco – Acho que rolou...

Professor – Entendi, eu não vou dizer se você está certo ou errado não, então vamos gravar você tocando com a música, só pra tirar a prova real, não precisa se preocupar muito com batida não.

Francisco – Vamos!

Francisco pratica por um tempo, parece ter achado uma forma de fazer a batida, levemente diferente da gravação, mas que funciona...

Professor explica rapidamente como funcionará a gravação e começa o processo de gravação....

Professor- Pronto, vamos ouvir e comparar agora.

Francisco – É acho que rolou o acorde, não está discrepante não... só a batida que tá diferente.

Professor – Beleza, agora vou mutar só o violão base e você gravará ouvindo todos os outros instrumentos.

Francisco – (após gravação) Eita, é mais difícil, ela tem uns efeitos (linhas instrumentais diferentes), não dá pra tocar na banda não (risos)...

Professor – Vamos ouvir só o seu violão e o baixo, pra ver se encaixa (professor solta o áudio). E aí? O que achou?

Francisco – Ah, não sei...Ficou meio desencontrado...Deixa eu gravar de novo a partir do “Ré”, que essa minha batida tá podre...

Professor – Tá

Francisco – As notas estão bem parecidas, mas o ritmo não tá batendo tanto...

Professor – Também é comum acontecer isso, porque você está ouvindo primeiro pra depois tocar, sempre ficará puxando pra trás o ritmo, isso é normal... é porque você ainda não está completamente seguro da música, não se preocupe tanto... É diferente de quando a pessoa está completamente segura e vai “pá” no tempo, mas ficou muito bom isso daqui!... Você acha que com baixo rolou né?

Francisco – Sim, rolou!

Professor – Vamos ouvir agora com outro instrumento (professor solta áudio de vocal e cítara)

Francisco – Ah, legal! Já posso entrar pra banda!

Professor - Vamos ouvir com outra combinação (Violão e Strings)

Francisco – Juntar os instrumentos é samplear? Quando junta assim?

Professor – Isso é mixar. Samplear, na verdade, é quando você pega...por exemplo, é o que DJ faz...pega um trecho de música, você corta e faz outra coisa, ou deixa ela em Loop, isso é um Sampler. Mixar é quando junta.

Francisco – Samplear é só recortar e deixar em loop?

Professor – É, samplear é pegar um pedaço de uma música e fazer outra coisa. Não precisa, necessariamente, deixar em loop, é só esse recorte. Rola muito no Rap, música eletrônica...

Francisco – Teve uma peça que eu participei que tinha um músico, e ele falava de samplear (aluno começa a cantarolar algo), mas ficava em loop mesmo. Acho que a trilha era bem essa repetição de

trechos...

Professor – É, você pode mixar Sampler, ou seja, misturar vários recortes pré-gravados.

Francisco - Ah tá...

Professor – É, as coisas andam juntas também... DJ faz os dois o tempo todo... Por exemplo, to gravando um disco de Rock e não tem Sampler, mas vai ter a Mixagem, porque os instrumentos são gravados separadamente....

Francisco – Qual que é qual nessa grafia aí? (ondas na tela do computador)

Professor indica faixa por faixa o que é o que, mostrando como a onda sonora tem aspecto diferente para cada instrumento... (ouvem a gravação de todas as faixas, mas com violão do aluno)

Professor – E aí? O que achou?

Francisco – Acho que tirei nota 10, rolou! Bacana, primeira música que tiro de ouvido!

Professor – Ah é?

Francisco – É, quer dizer, comecei... É muito abstrato, realmente, o que é tirar de ouvido...Mas esse caminho de, pelo acorde, tentar achar com a voz... Tentar descobrir que nota é essa, foi um caminho bom! Very Nice! Vontade de fazer mais... É, porque trabalha com a sua inteligência, a sua capacidade de perceber. Mas eu fico pensando... o quanto, de uma certa base, você já tem que ter né? Tipo essas notas que eu já conhecia...

Professor – É, e você cantou né? Você usou sua base de afinação...

Francisco – Também (risos). É, tem umas coisas assim né...

Professor – E a batida também, porque eu não disse nada da batida, te soltei na fogueira e você se organizou.

Aula 2 - 13/06/17

Professor – Eai, o que você lembra do último encontro?

Francisco – Ué, que a gente foi tirar a música de ouvido né... e eu tinha que descobrir a partir de um acorde, quais eram as notas. A partir da sonoridade né, a voz ajudou..

Professor – Várias maneiras de achar os acordes né?

Francisco – Isso, que era o objetivo

Professor – Exatamente, o uso da voz, a experimentação, a sonoridade.. que você até falou que era abstrato e que trabalha uma inteligência com muitas coisas por trás ali. Beleza... Vamos ouvir então o que foi feito na aula passada

Francisco – Aí era a nota Ré, né? Mi menor e Sol...

Professor - Vou colocar aqui pra tocar. Os instrumentos você lembra?

Francisco – Tinha baixo, cítara, uma coisa meio “new age”..

Professor – É o strings né... ele tá num meio termo entre esses dois....e o violão né?

(Professor coloca a música com a gravação do aluno pra tocar)

Professor – Ficou gravado só esse começo né?

Francisco – Foi...

Professor – Algum pensamento sobre o que você ouviu?

Francisco – Tá ok...

P – Vamos praticar então, dar uma relembração?

Francisco – Vamos.

Aluno pratica.

Professor – Beleza, vamos praticar com os áudios então... Vou silenciar o violão da aula passada..

Ele entra em outra nota né, não começa do Ré

Francisco – É, não me lembro, mas coloca aí pra eu tentar.... É Ré, Mi menor e Sol né?

Professor – Aham

Aluno começa a praticar com a gravação como Playalong

Professor – Vamos só tentar a ouvir o ciclo né? Pra vermos quanto tempo fica em cada acorde né.

Tenta pegar mais ou menos onde muda os acordes...

(Aluno e professor ouvem novamente a gravação)

Francisco – ok... Ah sim, fica mais tempo em cada um

Professor – É, tem um que fica mais tempo que os outros né?

Francisco – É, o ré que fica mais tempo... Entendi já!

Professor – Isso, aí o que acontece aí? (Professor se refere à continuação do áudio, parte que o aluno ainda não tinha tocado)

Francisco- Ah, ficou no Ré.....um tempão

Professor – É, só aqui que vai mudar.... Eu vou ligar aqui um instrumento que vai dar mais chão pra gente (até então a cítara solista não estava ligada na parte que imita a melodia da voz). Ou seja, tem essas duas partes repetindo e depois ele passa um tempo no ré, repetindo...

(Professor coloca novamente a gravação para tocar)

Professor – O que eu liguei aqui? Você percebeu a diferença?

Francisco – Sim, entrou um baixo agora assim (aluno toca nota grave no violão e canta junto)

Professor – Vamos tocar junto então?

Francisco – ok...

(professor e aluno tocam junto com o playalong)

Professor – Que que essa cítara fica fazendo aqui, quando fica o ré por mais tempo?

Francisco – Ela faz tipo uma escala parece.

Professor – É, ela imita o que ele canta né...

Francisco – Isso

Professor – Beleza, vamos começar um novo processo... vamos ouvir a música original que nos inspiramos (professor liga a gravação original feita pelo Zé Ramalho)

Francisco – Eu cheguei a ouvir sim...e ouvi no rádio também

(Professor e aluno apreciam)

Professor – Quer tocar junto? (mas aluno prefere só ouvir mesmo) Essa seria aquela parte que fica o ré segurando..... O que acontece nessa parte da letra “o meu velho e invisível, Avohai” com a harmonia?

Francisco – Volta aí um pouquinho...

Professor – Ok

Francisco – É um acorde mais grave né?... Tam dam (aluno imita movimento do baixo com voz)

Professor – Vamos tentar tocar junto, só até esse começo

Francisco – Eu tinha visto você fazer...ele começando no Sol

Professor – Na verdade ele começa no Mi, mas já nessa progressão (principal)

Aluno e professor começam a praticar com a gravação original

Professor – E aqui? (o meu velho e invisível, Avohai)

Francisco – Acho difícil ouvir o violão...

Professor – O arranjo tá muito cheio de coisa né...

Francisco – É , a cítara aí tá alta né... Ouço muito a cítara, aí o baixo dá uns “dóin dóin” (aluno imita baixo com a voz)

Professor – Muita percussão né, muita coisa ao mesmo tempo...

Francisco – É, aí na hora que você perguntou eu não sei né, só vi um grave e um agudo (acordes), e no meio, outros acordes...

Professor – É... muitas vezes quando eu to ouvindo uma música num outro arranjo, você tem que tentar abstrair mesmo... Imaginar, experimentando no violão mais. Por exemplo, aí a gente sabe que é o ré mesmo... Tipo, a gente sabe que o acorde vai estar ali presente mesmo, aí entra a coisa abstrata, a sensação dele a gente sabe que tá no ar... Sabe? Mesmo com uma estruturação bem diferente

Francisco - Aham

Professor – Você conhece essa letra?

Francisco – Mais ou menos...

Professor – Eu vou fazer uma demonstração, basicamente vou te mostrar como eu faço pra aprender letras, pra gente fazer essa caminho de juntar o violão e tentar cantar um pouquinho...

Francisco – Tá!

Professor – Só o comezinho mesmo, sei que essa letra é muito difícil e longa.

Professor coloca o trecho com a primeira frase cantada em loop

Professor – Aí eu fico ouvindo esse trecho, e tentando fazer com que essa frase fique ecoando na minha mente...tentando estar junto com ele na forma com que ele fala

Francisco – Você imagina o “velho”? Ou não é isso? (aluno se refere à primeira frase da letra “um velho cruza a soleira de botas longas, de barbas longas, de ouro o brilho do seu colar)

Professor – Pode ser também... quais informações a gente tem aqui? Que a gente pode ter desse personagem..

Francisco – É, fica forte o “velho”, “botas” e “barbas”

Professor – Mas assim, além do texto? A forma com que ele canta, com que ele fala isso? (professor pergunta o que está acontecendo na música durante a apreciação)

Aluno imita o cantor original, e reflete:

Francisco – É, ele enfatiza algumas sílabas, alguns tons. “um velho”, aí enfatiza “velho”.... (aluno imita novamente)

Professor – Aham, aí eu tento fazer um canône (professor liga de novo o trecho e repete o que ouve)

Tipo tentar ouvir e fazer um pouquinho depois... ou tentar ficar só imaginando essa música na cabeça, é um trabalho muito de escuta...Mais do que essa coisa que a gente fica tocando na aula...

Mas tentar ficar aberto à música mesmo... Pra você é mais fácil porque você já é artista.

Francisco – Mas eu tenho uma memória péssima... tenho muita dificuldade de decorar...

Professor – Não é nem só questão de decorar a letra, mas de tentar fazer ela ecoar em você (professor cantarola com sílabas neutras), aí as vezes as palavras vem... Assim, ele tem essa coisa meio...meio falado, meio pesado, quase recitado né...

Francisco – Uma coisa meio Brechtiniana. Que o Brecht tinha umas músicas que ele compunha, ele não sabia tocar nada, mas era muito musical... aí ele compunha...e era essa coisa de teatro meio falado, meio declamado... entre a música e a declamação. Tipo “ se eu morrer e for pro inferno ninguém vai perguntar...” (aluno exemplifica alternando entre melodia e entonação da voz)

Professor – Então, vou fazer aqui com meu celular.

Nesse momento professor exemplifica o método do canône, utilizando seu próprio celular para gravar sua voz à capela executando trecho. Logo em seguida, coloca para executar e começa a repetir o que ouve, convidando o aluno a experimentar o exercício, mas com seu próprio celular e voz.

Após um período de estudo do aluno, professor o convida para tocar e cantar em conjunto. Os dois tocam e cantam, porém alternam como pergunta e resposta na voz cantada. Tentando manter o violão estável enquanto praticam e improvisam por variações melódicas em cima dessa letra.

Professor – Vamos continuar, como um fluxo mesmo!... Se der “pala” no violão não se preocupe, eu to segurando...

Aluno apresentou bom improviso e atenção na conversa musical, e ainda acabou criando novos ritmos no violão, que remetem a levadas de viola caipira.

Francisco – Meio Goiás! (risos)

Professor – Não é fácil ser repente não, né?

Francisco – Sem contar manter o ritmo né...nossa...

Professor – O que você acha que aconteceu?

Francisco – Vieram outros ritmos né, assim...eu não sabia, mas de alguma forma já ouvi, assim, meio “Goiás”... Não sei mais como é.. meio “de viola” (viola caipira). Aí lá pro final eu “baixei” o volume, também temos essa tendência de aumentar a intensidade e aumentar o volume né? Aí “baixei” um pouco, mas acabei abaixando a intensidade também.

Professor – Você descobriu uns ritmos que você nem sabia que você sabia. Não é que você saiba mesmo, mas já tá no seu ouvido, na sua bagagem musical, mas aí com um pouco de “flow” ele sai... Nem era o objetivo da atividade, mas aconteceu. Essa coisa de tocar e cantar, você pode usar todos

esses jogos cênicos que você já faz né.. O lance é a naturalidade né. Não precisa ficar só no original... A gente ouviu um trequinho dele, estudamos um pouco como ele canta. Aí depois podemos gravar, brincar com cânone. Depois ir pra outra voz (professor exemplifica tocando e cantando a mesma frase mas partindo de vozes diferentes dentro da harmonia)

Francisco- Aí já seria brincar com altura né?

Professor – Isso, são as vozes... quando as pessoas chamam de segunda voz.

Francisco – Teve uma coisa que fiz, de ficar com olho fechado, mas também..até faz parte da pesquisa de um primo meu, que você precisa distrair também... dá um distanciamento.. com o olho fechado você fica muito apegado. Você vai muito profundo, mas com olho aberto você se mantém nessa superfície mais distanciada que é bom, eu acho, pelo menos. Pro trabalho do ator é legal porque você não se perde tanto nessas profundezas... Que é um lugar bom, mas assim, pra experimentação também, se eu ficasse só de olho fechado... Você dá uma desligada, uma arejada... Eu vi que eu tava entrando muito pra dentro, sofrendo, ficando muito preocupado com o ritmo, com acertar né...

Professor – É, esse processo é meio malabarismo, às vezes é melhor soltar um pouco, porque são duas coisas bem diferentes: o ritmo do violão e o da voz, e as notas...

Francisco – Mas aí que tem a contradição... Normalmente as pessoas querem concentrar demais, aí fecha o olho...Paradoxalmente, se você estiver mais distraído você concentra melhor...Não sei, você tem essa coisa de fechar o olho?

Professor – Acho que eu tenho essa coisa de controlar... As vezes eu estudo (professor demonstra estado de atenção grande para realizar um pequeno ornamento) Tipo o máximo de atenção... às vezes eu to pensando dentro... mindinho e etc..

Francisco – Mas você não está de olho fechado, mas tá olhando pra dentro mesmo....às vezes da ansiedade pra ir pra próxima (parte da música), mas isso é um pouco limitador também... temos essa vontade de ir pro próximo e não esgotamos as possibilidades de ir pelo simples né... Acho que pra iniciante é muito bom, lógico que assim, ao mesmo tempo dá vontade de ir pra próxima...

Professor – Ainda mais porque a música já está dentro da sua cabeça né...

APÊNDICE D – Transcrição de aulas de Bruno

Aula 1 - 25/05/18

- 1) Resolução de dúvidas e dever de casa da aula passada
- 2) Apreciação da gravação completa confeccionada previamente pelo professor:

Bruno - Ah, essa é aquela música...esqueci o nome... “tu vens” do Alceu Valença... “Da bruma leve das paixões...”

Professor - Não é essa, mas lembra bastante o estilo mesm.... O que você ouve aí de intrumento tocando?

Bruno - Parece uma viola, não sei se é um violão... parece viola, pelo metálico assim... Tem um baixo... Tem um instrumento aí, não sei, não sei se é um piano, sei lá, parece uma coisa subáquatica... Essa coisa meio, que parece que tá sendo tocada debaixo d'agua... só consigo identificar isso.

Professor - No fundo você ouve um negócio tipo “shhhhhhh”? (referindo-se ao timbre “strings”)

Bruno - Parece... aquele negócio que tem em igreja... órgão... (acho que aluno quis dizer, “teclado” em geral)

Professor mostra faixa por faixa separadamente como funciona o arranjo

Professor - O primeiro é a base de violão de 12 cordas; o segundo é basicamente uma cítara...

Bruno - Não sei o que é uma cítara

Professor - Aquele instrumento que os indianos usam, uma espécie de mesa...

Bruno - Ah sim... que os beatles usam

Professor - Isso, George Harrison fez uma pesquisa sobre isso... Esse já é o baixo. Com essa célula rítmica típica do baião, tum dum dum (professor imita cantando)... E esse é o “strings”...

Bruno - Tipo “carruagem de fogo, coral, meditação.. Na frente do consultório da minha analista toca isso.”

Professor - Ok, agora seu desafio é tirar essa música de ouvido

Bruno - (risos) escreve aí que o participante desistiu....

Professor - Não, mas vamos por partes, vamos começar pelo acompanhamento do violão... já é bem parecido com o que você já sabe tocar do Bob Dylan. Eu já te adianto que todos os acordes são acordes que a gente já tocou... Vamos experimentando... (professor coloca áudio somente da faixa do violão enquanto aluno vai experimentando no instrumento)

Aluno consegue esboçar a batida, apesar de não conseguir ter fluência na velocidade original, e percebe quando há mudanças de acordes

Bruno - Tem como você dar a dica de quantos acordes têm, como que é, não pode?

Professor - Então, esse acorde que você achou está certinho: o “Ré” (professor)

Bruno - É, essa parte foi que ficou mais seguro assim.... Não consegui achar o Dó aí (aluno ficou insistindo no acorde de “Dó”, mas não tinha “Dó” na música), o Sol eu tenho a impressão de que às vezes tem... Mas acho que consegui pegar a batida, você falou que parece do Bob Dylan, então tentei ficar um pouco nela e tentar adaptar.... Eu tenho a sensação de que tá fazendo ciclos mesmo, me lembra a do Jack Johnson..sempre volta no ré, isso me lembra... porque o ré era o porto seguro dele, isso me lembra.... (volta a praticar com o áudio) Parece que são três acordes. Não sei...

Professor - Você tá indo bem... (professor) aí tem um diferente (aluno não encontrou).

Bruno - Eu tenho a impressão de que é tudo sempre isso (ciclo de 3 acordes) (aluno pratica sozinho sem o áudio guia)

Professor - Legal, vamos tentar tocar só o início pra você confirmar se é isso mesmo (professor)(Aluno toca com áudio original)

(Aluno se perde)

Professor - Qual é a ordem que você tava fazendo antes? Você mudou né (professor)?, vamos testar essa ordem

Bruno - Mas é que eu fiquei com a sensação de que o início não começa no “Ré”, começa no “Mi”.

Professor - Então testa, mas faz naquela ordem, “mi, sol, ré”... Então pra testar esse início vamos fazer o seguinte: vou colocar o seu violão para gravar junto (da faixa do violão original) pra tirarmos a “prova real”.

Bruno - Ah, você gravou? Nem percebi

Professor - Bom que não fica nervoso, vamos ouvir (aluno e professor comparam sucessivamente a gravação original e a do aluno) Estando de fora, agora, o que você acha? (do resultado)

Bruno - Acho que só a batida tá diferente, o resto dos acordes estão corretos

Professor - Vamos colocar os dois juntos agora

Bruno - Eu acho que...eu só fico bem na dúvida com o “Sol” aqui (aluno)

Professor - ... Quando eu fico em dúvida com acordes... quero dizer, a gente parte do todo né... da sensação... a gente tá ouvindo um monte de nota ao mesmo tempo aqui (toca o acorde). Mas quando a gente fica com dúvida, partimos para ouvir os outros instrumentos, no caso aqui, ouvindo só o baixo agora, pra gente tentar entender o que o baixo faz, porque o baixo dá muitas pistas dos acordes...(ouvindo o baixo) Aqui no caso, o baixo está cheio de ornamento né...

Bruno - Ele tá fazendo ciclos, dá pra perceber (aluno)

Professor - Junto né? Já é uma pista de que tem esse ciclo que se repete mesmo... Mas se eu for tentar cantar ele, afinar junto com ele (aluno começa a tocar) vamos tentar fazer isso? com a voz mesmo...Qual desses três acordes você acha que vai mais agudo? (aluno indica comentando em cima do áudio)

Bruno - Engraçado, mas sinto que o sol é mais grave... Nesse sentido seria diferente, porque o que tá aí como mais grave, é mais agudo (no violão)

(certa confusão porque o violão não tinha o ré como nota mais grave, mas no baixo o ré era a nota mais grave do trecho) - aluno volta a tocar...

Professor - Agora vou colocar só o baixo pra você tocar o violão junto (professor)

(Gravação – aluno na levada do violão, mas a guia só com baixo solo) (dessa vez aluno estava muito mais confiante)

(Professor e aluno ouvem o resultado)

Bruno - Achei que toquei bem baixo (volume) (esse já era um feedback que o professor tinha falado em aulas passadas, mas dessa vez o aluno ouviu o próprio som gravado e percebeu sozinho e de forma mais concreta)

Professor - Vamos fazer uma experiência: Agora vou ligar só a cítara com a última gravação do violão pra ver se encaixa.

Bruno - É, parece que encaixou... mas faltou um acorde, teve uns engasgues

Professor - Agora vou soltar o seu violão com o “strings”
(apreciação)

Bruno - Parece que tá sincronizado com o ré

Professor - Tá tocando exatamente esses acordes, mas com outro timbre, fica bem diferente né?.. Agora, pra fechar vou ligar o seu violão com o baixo, strings e cítara... pra ouvirmos.. O que você achou? (Professor)

Bruno - Acho que ficou sincronizado, em algumas partes... acho que os acordes batem, uma coisa de vai vir agora...

Professor - Você ouve o seu próprio pensamento né? (professor se referindo à hesitações e momentos de segurança/ pontos chave onde aluno se perde ou se encontra na música)

Bruno - É, vejo que eu já tinha noção de onde a música ia chegar, mas em momentos era surpreendido, aí me complica um pouco, também de não ter previsão ainda da música... Achei legal, não sabia que eu ia pegar tão fácil os acordes, claro, com umas dicas que você deu, me ajudou.... e principalmente depois de achar o primeiro (toca o ré – que não é o primeiro cronologicamente, mas é o tom da música, aluno fez associação dizendo que é o porto seguro da música, comparação feita pelo professor em outra música já estudada), aí ficou realmente mais fácil, porque achei ele e podia sempre voltar nele e isso me mantinha no ritmo pra achar os outros... acho que foi isso, depois de achar o primeiro foi ficando mais fácil, mas esses outros dois ainda me deixa inseguro (mi, sol), eu vejo que encaixa, mas ficava pensando: será que é mesmo?

Professor - Mas porque você acha que o “Ré” é mais fácil? (professor)

Bruno - Eu acho que porque, foi o acorde que mais se repetiu (nos repertórios passados), fica muito aí, então acho que já tenho uma familiaridade com esse acorde, mas o “mi”, o “sol”, o “dó”, não tanto..são mais estranhos pra mim, não estou tão familiarizado com eles. (aluno)

Aula 2 - 15/06/18

A aula começou com a apreciação do áudio da aula passada

Aluno já começou a tocar junto com a gravação. Posteriormente professor se uniu.

Bruno – To achando estranho porque agora está bem mais fácil. É muito parecido com a primeira música do Jack Johnson (refere-se à um repertório trabalhado em aulas passadas). Engraçado que, depois da aula passada e saí e retomei ela. (risos) Não se consciente ou inconscientemente.

Professor – É, a música é simples... o que deu trabalho na última aula foi a questão de tirar de ouvido. Tirar de ouvido sempre dá uma “leseira”.... Hoje eu vou te mostrar daonde veio essa música. Você até chuto Alecu Valença na aula passada..

Bruno – Foi.

Professor coloca a gravação do Zé Ramalho para aluno apreciar

Professor – É Zé Ramalho, quase Alceu Valença!

Bruno - Quase

Professor – Aqui é tudo em cima do Ré (uma pequena introdução de “Cítara” que não há na gravação do professor)

Bruno – Você sabe o que é Avohai?

Professor – Ele que criou essa palavra, juntando avô e pai. Está falando do avô dele que criou ele, ou seja, também foi pai.... Vamos tentar tocar junto?

Bruno – Essa daí?

Professor – É

Bruno – Bom, e como que faz?

Professor – Ah, é igual o que você tirou basicamente, ela está no mesmo tom. Na verdade eu comecei aquela gravação ouvindo essa, tocando o violão junto...

Professor e aluno tocam juntos o “violão base”

Professor – É porque é muita coisa nesse arranjo... (professor ao perceber insegurança do aluno pra se localizar no arranjo)

Bruno – É..

Professor – É mais difícil né? Perceber quando que muda o acorde na instrumentação, parece que fica mais lá no “subconsciente” da música

Bruno – Exato!

Professor – Aí a gente vai trabalhar esse primeiro verso, assim que entra a voz..

Professor coloca o trecho para apreciação

Bruno – Na minha cabeça ele ficou no mesmo acorde

Professor – Não, mas ele ficou mesmo. Aqui dá pra sentir que ele fica no mesmo...

Voltam a apreciar

Professor – Aqui tem umas variações, aí volta... Só até aí por enquanto. Você quer tocar aí junto? (aluno pratica um pouco)... Agora nessa parte da aula a gente vai trabalhar a letra, pra gente tentar tocar e cantar junto. Então primeiro eu vou te mostrar uma forma que uso pra decorar letras e depois a gente vai experimentar, mas só esse primeiro verso, porque essa letra é imensa.

Nesse momento professor exemplifica o método do canône, utilizando seu próprio celular para gravar sua voz à capela executando trecho. Logo em seguida, coloca para executar e começa a repetir o que ouve, convidando o aluno a experimentar o exercício, mas com seu próprio celular e voz.

Após um período de estudo do aluno, professor o convida para tocar e cantar em conjunto. Os dois tocam e cantam, porém alternam como pergunta e resposta na voz cantada. Tentando manter o violão estável enquanto praticam e improvisam por variações melódicas em cima dessa letra.

Bruno – Até onde eu gravo?

Professor – Pode ser só até “colar” mesmo, não vai dar tempo pra ir muito mais que isso... (primeira frase)

Aluno pratica, mas ainda não entendeu a ideia do cânone:

Professor – É, aí você tentou fazer junto né, pensa como um eco mesmo.

Bruno – É que eu não tava lembrando, na real...

Professor – É, você tentou ir junto com o áudio... Tenta realmente ouvir e repetir o que você ouve.

Aluno tenta novamente, com certa hesitação.

Professor – É isso aí, é um trabalho de concentração, porque fica um pouco confuso...

Bruno – É, você fica falando uma coisa e tá ouvindo outra....

Professor – É, o negócio é focar no q ue ouviu e repetir, ao mesmo tempo sua cabeça já tá ouvindo o próximo..

Bruno – Sim, é, tá... Continuo?

Professor – Faz mais algumas vezes... Beleza! Fala aí uma vez

Bruno – Um velho cruza a soleira de botas longas, de barbas longas, de ouro, o brilho do seu colar.

Professor – Beleza... o que você imagina?

Bruno – Um cara chegando né... Um velho cruza algum lugar e vai chegando, aí ele descreve...

Botas longas, barbas longas...e um colár de ouro...

Professor – É, imagino uma camera pegando de baixo pra cima: botas, barbas, colár...

Bruno – É, verdade...

Professor – É, o texto é muito parecido: botas, barbas e etc... aí pra eu lembrar que é primeiro a bota imagino essa cena...

Bruno – É, botas, barbas, aí tem uma descidinha né (risos...) É, tem uma coisa né, não necessariamente o colár é de ouro, o brilho é de ouro.

Professor – Vou botar só o trequinho pra gente ouvir esse primeiro verso. Tentar prestar muito atenção na forma como ele canta e tentar ouvir e viver a música internamente...

Professor coloca o áudio.

Professor – Um bom exercício é a gente pegar um trecho e, assim como o canône, a gente tenta, mentalmente, ouvir. Tentar imaginar o que acabou de acontecer, tipo exercício de memória...

Bruno – Mas aí não entendi, em termos imagéticos do que a letra remete ou a letra mesmo.

Professor – Ah, tudo...o que você conseguir... eu tento pensar em todos os sentidos possíveis. Lógico que, como é música, eu penso muito no auditivo... como se minha cabeça pudesse gravar a música, aí depois eu dou um “play” e penso: o que estou ouvindo na cabeça... É só a voz? Voz e triangulo? Ou tudo junto? Uma sensação?

Bruno – É essa maldita cítara (risos). Eu tenho a sensação de que o “bicho” tá cantando cansado né? Tá de saco cheio. (aluno imita o cantor)

Professor – É, pode ser... isso! Vamos partir daí (professor começa a tocar violão) essa entonação aí que você fez certinho.

Aluno começa a cantar sobre acompanhamento do professor...

Professor – É, tá bem parecido... tipo, já tem uma melodia aí né...

Bruno – É.. a imagem que eu fiz foi tipo “música nordestina”, o cara cansado, sol rachando (risos)

Professor – aqueles esqueletos no chão rachado, boi morto...

Bruno – Exatamente! Aí chega o bicho.

Professor – Pronto, é um ponto de partida... Vamos tentar cantar junto agora...Vamos alternando então, eu canto uma vez e você canta outra e vamos tentando tocar...

Bruno – Tudo no Ré?

Professor – É.. pode ir na sua batida mesmo...

Aluno e professor começam a cantar e tocar...

Professor – Se der “pala” você continua cantando e deixa que eu seguro a base...

Prática...

Professor– Vamos tentar não deixar tanto de espaço entre a minha vez e a sua...

Bruno – É que eu fico tentando entender quando entro...

Professor – Ah, entendi

Professor começa a cantar em loop pra demonstrar...

Professor – Se você entrar atravessado também não tem problema... vamos só fazer mesmo.

Voltam ao processo.

Professor – A gente pode variar a melodia também... (professor demonstra)

Prática

Professor – Agora a gente vai tentar cantar junto, só que com cada um em uma voz, ou seja, pode fazer uma melodia diferente...vamos ver o que vai sair.

Prática

Professor – Agora livre! Faz o que quiser...

Prática

Professor – E aí, o que você achou?

Bruno – Massa pra caralho! Tipo, parece que também, quando muda de acorde, tipo quando foi pro “Mi” chamava muito mais pra uma coisa mais grave assim...

Professor – Aham, mais sério (em relação à sensação do acorde Mi”)

Bruno – Pro sol, mais agudo. E o ré é realmente o que combina, você sente que é aonde ele tá na música naquele momento. Isso foi massa de perceber. Achei irado isso de ficar brincando, fazendo outras possibilidades né? Isso né, achei muito legal “um velho usa coleira”, você tirou o “c” do cruza e mandou pro “soleira”, trocou os dois inícios. Não sei, acho que também isso faz pensar... quando você coloca um outro tom, tipo um heavy metal, a gente imagina que tá caindo uma tempestade atrás do “bicho” (personagem presente na letra da música). Aí traz uma outra imagem, deixa mais forte... então você tá meio que enriquecendo o negócio...

Professor – É uma interpretação...

Bruno – Exatamente, você tá meio que interpretando... Aí tem uns... é bem “nonsense”... Quanto mais agudo você vai indo mais “nonsense”, e quanto mais grave...sei lá... Você pode ir o mais grave que quiser e ainda estará dentro da música...é, achei irado esse exercício! Não sei também o quanto que bagunça...

Professor – É, isso é experimentação... É um processo né? Pra viver o caos mesmo.

Bruno – É, achei irado porque parece o lance de estar improvisando... Improvisando com o tom e com a ordem que as coisas aparecem... Isso que eu acho foda também do Lacan (fazendo alusão à conversa de outra aula): quando termina a frase? “Um velho cruza a soleira” , você pode parar aí e depois você voltar... Ou se começar com “de ouro o brilho do seu colar” e depois a outra frase, tudo vira outra coisa. Dependendo de onde você começa dá outro foco. Achei foda, achei massa!

Professor – O que acontece é que, intuitivamente, estamos cantando dentro das escalas. (professor demonstra vozes diferentes da melodia com violão e voz) Intuitivamente a gente vai estar dentro da escala da música. Não vou dizer que são infinitas possibilidades, mas são muitas (possibilidades) de permutação: ordem de nota, salto, ou ficar só em uma nota... a gente pode fazer

o que quiser com a música. O lance dos acordes vai mudar muito... (professor improvisa rapidamente) O ritmo, os ornamentos, tudo pode mudar. Aquela hora que eu falei “tenta entrar logo depois”... é porque música é um campo de habilidade, por exemplo, em um esporte se o cara pensar muito, ele perde o timing...Porque ele tem que estar sempre lidando com um estímulo e responder prontamente, praticamente instintivamente. Se você está no palco e precisa improvisar... se você tem um pensamento verbal: “ah, eu vou usar tal escala” você perde.

Bruno – Você vai gostar de um livro chamado “Rápido Devagar”... Ele fala de dois tipos de pensamento, um rápido e um devagar...Mas é irado, você vai gostar...

Professor – Se a gente parar pra pensar é um outro caminho, não é que seja uma coisa burra. Por exemplo, o jogador de futebol treina constantemente pra que na hora que precise, possa usar a técnica aquilo já esteja automático.

Bruno – Aham, ele fala desses dois modos cerebrais nesse livro: Um é bem instintivo e rápido, outro é mais devagar e analítico: para, raciocina, reflete e reordena as coisas... Isso inclusive tá sendo um processo pra mim. Antes de procurar uma aula eu via que tinha que aprender determinada coisa, eu não sabia que era muita coisa, mas quando tentava me perdia e desistia. Agora o foco tá mais organizado.